



**AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

Angélica Aparecida Bernin¹

Orientadora: Dr^a Luciana Figueiredo Lacanallo Arrais²

Coorientadora: Cristiane Batistioli Vendrame³

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo compreender o papel da afetividade na aprendizagem e o desenvolvimento da criança na educação infantil com base na Teoria Histórico-Cultural (THC). Para compor a investigação, realizamos uma revisão bibliográfica nas duas últimas décadas e verificamos que existem estudos sobre a afetividade na relação professor-aluno, porém nenhum deles utilizaram a THC como referencial teórico. Mediante o estudo, evidenciamos que o professor tem papel preponderante no processo de escolarização da criança na educação infantil, sendo necessário propiciar oportunidades e condições objetivas para que o aluno se aproprie do conhecimento acumulado historicamente pela humanidade e por meio manifeste seus afetos. Cabe ao professor atentar-se a realidade social e as especificidades de cada criança, para elaborar estratégias de ensino que contemplem todos os alunos e que a afetividade possa ser um instrumento a favor do professor no processo de ensino e aprendizagem nas escolas.

Palavras-chave: Afetividade. Relação Professor-Aluno. Educação Infantil.

ABSTRACT: This study main goal is to understand the importance of the affectivity in the student-teacher relationship in preschool education in the cultural-historical theory. To compose this investigation was realized a literature review from the last two decades and was verified that there are studies about this theme but, non of them uses exclusively the cultural-historical approach as base. This study reveals that the teacher has a overweight in the child learning process and development in the preschool studies, that propitiate oportunities and objective conditions for the student to appropriates the knowlege historical accumulated for the humanity and through them conect with their affectivity; its essential that the teacher pain attention to each child social reality and specifities, to find out tutoring strategies that englobe all the children; the affectivity can be a teacher favor instrument in the teaching-learning process in all schools.

Key-words: Affectivity. Teacher-student relationship. Preschool education.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá/Pr.

² Doutora em Educação (UEM), docente no Departamento de Teoria e Prática (DTP).

³ Doutoranda em Educação (UEM)



1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a importância da afetividade na relação professor-aluno na educação Infantil. A afetividade é indispensável em todos os aspectos da vida de uma pessoa, seja na família, na escola ou no meio em que vive.

De modo geral, a afetividade é empregada para nomear relações de amor, carinho ou cuidado por alguém querido. Assim, “a partir da educação afetiva podem-se desenvolver sujeitos conscientes no gozo de seus direitos e deveres. Sujeitos críticos que tem opinião própria, honestos em suas atividades, responsáveis por seus atos” (MENDES, 2011, p. 1).

Para formação desse sujeito consciente, faz-se necessário promover situações de ensino em que se manifestem não apenas gestos de carinhos físicos, mas elaborações que propiciem o desenvolvimento cognitivo da criança. Nesse sentido, Mendes (2011, p. 1) explicita “na educação infantil a afetividade contribui para o desenvolvimento cognitivo e moral. Não existe estado afetivo sem um meio cognitivo, assim como não existe comportamento somente cognitivo [...]”.

No intuito de consolidar a pesquisa anunciada, elencamos como objetivo geral compreender o papel da afetividade na aprendizagem e o desenvolvimento da criança na educação infantil com base na Teoria Histórico-Cultural (THC). Para compor a investigação, realizamos uma revisão bibliográfica nas duas últimas décadas e verificamos que existem estudos sobre a afetividade na relação professor-aluno, porém nenhum deles utilizaram a THC como referencial teórico.

O desenvolvimento humano, segundo a THC, ocorre a partir da interação entre indivíduos e por meio das relações que estabelecem no ambiente em que atuam. A convivência social transforma o ser biológico em ser humano social e é por meio desta perspectiva que se distinguem duas linhas de desenvolvimento qualitativamente diferente “[...] de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural” (VIGOTSKI, 1991, p. 34).

Para o autor, as emoções são formadas por meio de posições histórico-sociais. Logo, “[...] as emoções e os sentimentos são sociais, históricos e determinados por relações sociais entre homens, por classes sociais e por exigências sociais” (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 651). Segundo as autoras, os sentimentos são formados em consonância com o desenvolvimento



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

emocional da criança. Como cada sujeito vive em um meio social com normas e valores distintos, esses sentimentos tendem a se manifestar também de diferentes formas.

Consideramos necessário que os professores conheçam seus alunos, uma vez que estes possuem trajetórias de vida distintas e, portanto, requerem relações afetivas que impulsionem o seu desenvolvimento enquanto espécie humana.

No decorrer da graduação, deparei-me com disciplinas que discutiam a afetividade na educação infantil. As leituras e atividades propostas me instigaram a aprofundar os estudos, bem como compreender as contribuições desse conceito para o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Esse interesse se intensificou pela experiência nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil I e II, Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I e pelo estágio não-obrigatório no campo da Assistência Social.

Em meu primeiro estágio obrigatório da universidade, na disciplina Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil I, tivemos a oportunidade de observar e trabalhar em um CMEI com crianças de infantil V. Diante da rotina vivenciada, percebemos que a professora demonstrava ser bem rígida com os alunos, tanto que as crianças ficaram muito felizes com a presença das estagiárias em sala, era nítido o pedido pela atenção, a necessidade em conversar, o pedido de ajuda e o desejo em apresentar suas atividades. Foi uma experiência incrível, aprendemos demais com aquelas crianças, nos envolvemos afetivamente e, pessoalmente, podemos afirmar que foi a melhor turma que tivemos a oportunidade de observar e trabalhar na disciplina. Nessa ocasião, verificamos que as crianças além de serem alfabetizadas, também precisavam de carinho e compreensão.

No estágio não-obrigatório na área de Assistência Social, percebemos o quanto a afetividade foi importante para conquistar a confiança de cada criança que frequentava o local, sobretudo melhorar o aprendizado e a convivência. Com práticas afetivas compreendia-se cada aluno e apreendia que cada indivíduo tem sua maneira para se desenvolver afetivamente, socialmente e intelectualmente.

Diante de tais experiências, ressaltamos o quanto é relevante que os professores ofereçam e estimulem a afetividade em sala de aula, o que contribui para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores do educando. Tendo em vista essas reflexões e diante do atual cenário, problematizamos: de que modo a



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

afetividade contribui para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança? Como a afetividade deve se fazer presente na prática pedagógica do professor da educação infantil?

Impulsionados por essas problemáticas, acreditamos contribuir para que os professores da educação infantil compreendam a importância da afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos infantes e possam repensar sua prática pedagógica alçando a humanização das crianças.

Para compor a investigação realizamos uma revisão bibliográfica a partir de dissertações e artigos científicos, nas duas últimas décadas. Recorremos ao acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e a Biblioteca Eletrônica Científica Online – Scielo, utilizando os descritores: afetividade na Educação Infantil; relação professor-aluno e ensino e aprendizagem na afetividade.

A pesquisa encontra-se estruturada em duas partes. Inicialmente, apresentamos as contribuições da THC para compreensão do desenvolvimento humano. Na sequência, trazemos a literatura especializada sobre o conceito de afetividade e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem.

2. TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: contribuições para o desenvolvimento humano

Nesta seção apresentamos a importância da afetividade para o desenvolvimento humano a partir de estudo ancorado na Teoria Histórico-Cultural, já que para essa teoria a afetividade exerce influência na constituição do homem.

O final do século XIX e início do século XX, na Rússia, é marcado pelo descontentamento da população que, sob a liderança do proletariado, classe politicamente organizada, buscava melhores condições de existência e que conduziu à revolução de 1917.

Mergulhado no processo revolucionário russo e enfrentando contradições antes não vivenciadas, Lev Semenovitch Vigotski, Alexander Romanovich Luria e Alexei Nikolaievitch Leontiev, elaboram a Teoria Histórico-Cultural (THC), considerada uma teoria da psicologia que se dispôs a compreender e explicar o processo de desenvolvimento psíquico humano.

Opondo-se à velha psicologia que compreendia o desenvolvimento humano de forma restrita, Vigotski (1991) propunha uma nova psicologia capaz de eliminar a



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

separação entre corpo e mente, e realizar a síntese, portanto, que considerasse o homem produto e produtor da história e da cultura humana. Nesse sentido, explica Vendrame (2015, p. 22)

[...] a elaboração de uma psicologia geral seria um princípio explicativo único para os acontecimentos humanos, ou seja, um método que norteasse e fundamentasse a análise da realidade em toda a sua complexidade, que procurasse as explicações nas relações, nos elementos de ligação, e não nas partes ou particularidades.

Desse modo, a THC passa a representar “[...] uma revolução na forma de pensar o desenvolvimento da pessoa em sua totalidade e, conseqüentemente, o seu processo de educação” (TEIXEIRA; BARCA, 2017, p. 29). Contribui, assim, “[...] para uma pedagogia que apoia a escola e a educação que buscam superar a sociedade onde impera a desigualdade social e a conseqüente exploração de uns seres humanos por outros seres humanos” (TEIXEIRA; BARCA, 2017, p. 30).

Segundo Vigotski (1991), o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Em qualquer situação de aprendizado recorrente no ambiente escolar, o infante sempre terá uma história prévia sobre o assunto trabalhado em sala de aula. Convém enfatizar que o aprendizado que ocorre na idade pré-escolar é diferente do aprendizado escolar, haja vista que na escola o aprendizado está voltado para os fundamentos do conhecimento científico e o aprendizado pré-escolar as experiências que as crianças tiveram em seu ambiente familiar e social.

Por meio da convivência social, o ser biológico se converte em ser humano social. Desta perspectiva se distinguem duas linhas de desenvolvimento qualitativamente diferentes “[...] de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural” (VIGOTSKI, 1991, p. 34). Entendemos por processos elementares as funções psíquicas naturais, de origem biológica, as quais são inatas ao ser humano. Já por funções psicológicas superiores as experiências adquiridas ao longo da vida, nas relações sociais e culturais, por meio de instrumentos e signos.

Em relação ao desenvolvimento mental da criança, Vigotski (1991) identifica dois níveis: o nível de desenvolvimento real ou efetivo e o nível de desenvolvimento potencial. Quanto ao primeiro, nível de desenvolvimento efetivo das crianças, é



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

conceituado como “[...] desenvolvimento das funções psicointelectuais da criança que se conseguiu como resultado de um específico processo de desenvolvimento já realizado” (VIGOTSKI, 1991, p. 111). Já o nível de desenvolvimento potencial é quando a criança só consegue realizar determinadas atividades com o auxílio de alguém mais experiente. Entre estes dois níveis existe a zona de desenvolvimento proximal - ZDP (mudanças), que representa a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha, com algo que precisa da ajuda de um adulto ou uma criança mais experiente, que contribuirá com os futuros conhecimentos.

Tendo em vista estas premissas, é pertinente destacar o papel do professor. O professor é aquele que deve compreender as crianças como sujeitos que possuem diferentes formas de aprendizagem e que, em interação com outras pessoas, isso poderá ser ainda mais expressivo.

Enfatizamos que quanto mais enriquecedora forem às possibilidades de experiências e vivências oportunizadas às crianças, maiores serão as condições objetivas para seu aprendizado. Isso porque, para entender o desenvolvimento humano é preciso compreender o indivíduo e seu psiquismo como um produto que se organiza de acordo com o momento histórico em que vive. Logo, para explicar o desenvolvimento infantil “[...] é necessário compreendê-la como produto do momento histórico no qual ela vive e trava suas relações” (TULESKI; CALLEGARI, 2020, p. 52).

De acordo com Costa (2017, p. 248), ao ingressar na educação infantil a criança “[...] aprende e se desenvolve de forma dinâmica pela interação com a cultura material e imaterial, através de vivências nas quais estão envolvidas de corpo, mente e emoção”. As possibilidades de aprender são determinadas pelas oportunidades em que as crianças participam das atividades com autonomia e certo protagonismo.

É preciso que a ação pedagógica contribua para o desenvolvimento da criança. Cabe aos professores oportunizarem condições objetivas e materiais que desencadeiem a aprendizagem e o desenvolvimento e enriqueçam o fazer pedagógico, a fim de reconhecer a constante evolução dos educandos.

Para Tuleski, Callegari (2020), a humanidade é dividida em classes sociais completamente opostas. Classes sociais em que há crianças que vivem num ambiente com acesso a conteúdo e meios que enriquecem seu desenvolvimento e aprendizagem, mas também existem classes sociais em que as crianças e seus



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

familiares não têm nenhum contato com esses meios de conhecimento. Com isto, as autoras afirmam, que as crianças dificilmente se desenvolverão ao mesmo tempo e da mesma forma.

Nesse sentido, é preciso considerar que cada criança convive em uma realidade social diferente, com diferentes costumes e peculiaridades. Esse meio social, ao qual as crianças convivem, influenciam no seu desenvolvimento e na formação de sua personalidade, uma vez que terão suas experiências internalizadas a partir de relações históricas, formadas na infância, e que se desenvolvem durante toda a vida.

Nessa direção, ressaltamos o papel da educação “[...] para construir uma futura sociedade livre, justa e democrática, precisamos organizar a vida na escola [...] a educação e, de modo especial, a educação escolar, desempenham papel essencial nesse processo” (TEIXEIRA; BARCA, 2017, p. 32). Tal organização requer do professor repensar suas ações didático-pedagógicas, bem como compreender que a afetividade como elemento do comportamento humano tem implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

3. A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO

A afetividade tem papel no processo de aprendizagem do ser humano, pois está presente em praticamente todas as circunstâncias da vida. De acordo com Gomes; Souza (2018, p. 16-17)

[...] a afetividade é um fator que pode influenciar a vida de toda criança em todos os contextos nas quais estão inseridas, na vida familiar, no cotidiano escolar, nas relações sociais, entre outras. Em relação a afetividade no contexto escolar, a relação que há entre professores e alunos deve ir além da transferência do saber, é necessário que haja uma relação de afeto e amizade entre ambos, com o intuito de que a criança expresse seus sentimentos naturalmente e dessa forma o docente tem a capacidade de conhecer a realidade de seus alunos.

Ao considerar essa relação de afeto entre adultos e criança, sublinhamos que no primeiro ano de vida, a realidade social da criança é com o adulto, o qual ela depende física e afetivamente. Posteriormente, evolui para a experimentação dos objetos, na sequência para o jogo da imitação e os jogos de papéis que acontecem



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

na idade pré-escolar.

É pertinente enfatizar que o desenvolvimento infantil é marcado por períodos de estabilidades e de crises, sobretudo que cada período pode ser influenciado pela sua realidade social e pelo desenvolvimento já efetivado na criança. Segundo Vigotski (1996 apud PASQUALINI, 2009), as crianças passam por períodos críticos de desenvolvimento, junto a isso apresentam dificuldades para serem educadas, o que acarreta conflitos com as pessoas de seu convívio, como familiares e professores, por exemplo, na crise dos três anos a criança tem dificuldade em fazer aquilo que o adulto propõe, ela quer ser independente, quer tudo no seu momento e quando contrariada age de forma rebelde.

Em relação a esses períodos críticos de desenvolvimento, Pasqualini (2009), recorrendo a Vigotski, expõe as fases pelas quais as crianças percorrem, a saber: a) A crise pós-natal, em que há a transição entre o desenvolvimento intra e extrauterino; b) O primeiro ano de vida, em que ocorre a transformação do estado psíquico e social causado pelas mudanças no ciclo do sono e alimentação; c) A crise do 1º ano, em que tem-se o fim da linguagem autônoma infantil e não coincide com a linguagem adulta; d) Primeira infância, em que emerge a consciência; e) Crise dos três anos, marcado por rebeldia, teimosia e insubordinação; f) Idade pré-escolar (3 aos 7 anos) em que a criança se expressa de acordo com seu interior; g) Crise dos sete anos, na qual a criança começa a julgar a si mesmo e valorizar a posição social; h) Idade escolar (8 aos 12 anos); i) Crise dos treze anos; j) Puberdade e crise dos dezessete anos.

Tendo em vista a complexidade dessas crises, selecionamos para aprofundar a discussão a crise que ocorre na idade pré-escolar (3 a 7 anos), uma vez que corresponde a etapa de desenvolvimento que nos dedicamos a estudar na referida pesquisa. Esta fase é marcada pelo fato de a criança ainda não saber identificar sua vida interior e exterior, se manifesta com seu interior e é justamente nesta fase que acontece a perda da espontaneidade. Sua atividade principal é o jogo de papéis, a qual possibilita que reflita sobre a realidade por meio dos jogos, que se coloque no lugar do outro, do adulto, e que aprenda a respeitar as regras.

Segundo a THC, para pensar ações didático-pedagógicas na educação infantil, o professor deve considerar a zona de desenvolvimento iminente ou próximo da criança, isto é, conhecer e acompanhar o desenvolvimento da formação social da personalidade, bem como analisar o que elas conseguem fazer sozinhas e o que



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

ainda precisam da ajuda de colegas mais experientes ou adultos para executar determinadas ações.

Dito isto, reiteramos o papel preponderante do professor no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança na educação infantil, o que requer dele compreender que “[...] todo ser humano é capaz de aprender e se desenvolver desde que lhes sejam dadas as condições para que isso aconteça” (COSTA, 2017, p. 249).

Deste modo, acreditamos que na relação aluno e professor é necessário o vínculo afetivo, de modo que haja respeito mútuo, já que a afetividade não está ligada somente a carinho físico, mas também a gestos, como ouvir, respeitar e propiciar condições para o ensino. Desse modo, é possível que o professor crie um ambiente favorável que transmita confiança aos infantes, que enalteça a capacidade de cada um, que reconheça as dificuldades específicas e que considere as ideias expressas pelos discentes. Logo, um ambiente afetuoso colabora para com a aprendizagem significativa e eficaz.

Ante a necessidade do professor criar um ambiente favorável ao desenvolvimento humano, é preciso conhecer as suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

4. ANALISANDO OS DADOS: em foco a afetividade

A literatura especializada tem discutido sobre o conceito afetividade. Partimos do pressuposto de que a revisão bibliográfica é importante para a pesquisa, pois possibilita identificar os trabalhos já elaborados e destacar “[...] o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontra os principais entraves teóricos e/ou metodológicos” (LUNA, 1996, p. 82).

Em consulta a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, utilizamos os descritores: afetividade na educação infantil; relação professor-aluno; ensino e aprendizagem na afetividade. Inicialmente, não encontramos trabalhos sobre este assunto identificado diretamente no título, porém, lendo os resumos de dissertações selecionadas, encontramos dez produções que abordavam o tema. Ressaltamos que, das pesquisas selecionadas, nos dedicamos a análise de algumas que compuseram a revisão bibliográfica, por terem maior proximidade com nosso objeto de pesquisa.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Ao prosseguir com a revisão bibliográfica, fizemos um segundo levantamento, mas desta vez na Biblioteca Eletrônica Científica Online – Scielo, e empregamos os mesmos descritores: afetividade na educação infantil; relação professor-aluno; ensino e aprendizagem na afetividade. Novamente, poucos artigos foram encontrados, lemos alguns resumos e selecionamos dois artigos para contribuir com a pesquisa bibliográfica, a saber: Loos-Sant'ana, Barbosa (2017) e Mattos (2012).

A primeira dissertação analisada intitula-se *“Afetividade no processo de aprendizagem: um estudo de caso para crianças de educação infantil”*, defendida em 2001, por Adrianna Fabiani Benato, na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. A autora discutiu a amplitude da emoção na vida da criança em idade pré-escolar, bem como a influência sobre a aprendizagem. Para tanto, investigou o fato de que a psicopedagogia no Brasil pode ser considerada uma das melhores oportunidades para alunos que apresentam problemas de aprendizagem, devido a situações emocionais. Além disso, estudou a autoestima, considerada um grande problema emocional que afeta parte dos alunos e causa alterações no processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa é um estudo de caso, cujos sujeitos foram alunos da Educação Infantil, do Jardim III, da instituição em que a pesquisadora atuava profissionalmente.

Por dois bimestres consecutivos, a pesquisadora e outros profissionais da escola, observaram que alguns alunos apresentaram mudanças de comportamento e dificuldades de aprendizagem. A partir desse levantamento, os alunos foram devidamente acompanhados pela equipe do CMEI, porém, três deles ainda apresentavam as mesmas dificuldades, o que denotava relação com a questão emocional.

Benato (2001) fundamentada em Piaget, Vigotski e Wallon, conceitua emoção e afetividade. Explana que a criança desde seu nascimento tem uma grande necessidade de atenção, afeto e carinho que em seu processo de socialização e interação contribuirão para seu desenvolvimento físico, psíquico, social e cognitivo ao longo de sua vida. Defende, ainda, que a afetividade e a inteligência são estruturadas nas ações dos indivíduos. O afeto influencia na construção do conhecimento, pessoas que se sentem seguras, acabam tendo uma maior facilidade no aprendizado. Evidencia que determinadas crianças ao enfrentarem dificuldades cognitivas e emocionais causadas por relacionamentos de desafeto com outras crianças, adultos e familiares, deparam-se com dificuldades de aprendizagem e



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

poderão ter desajustes emocionais e familiares (BENATO, 2001).

Em relação a afetividade na prática docente, a autora respaldada em Freire (1986), afirma que é possível haver seriedade docente e afetividade, o que não podemos é deixar a afetividade atrapalhar o compromisso ético e o exercício da autoridade do professor em sala de aula (BENATO, 2001). É importante estabelecer uma relação com afeto entre professor e aluno, para que o ensino e a aprendizagem ocorram.

A possibilidade de se estabelecer uma relação professor-aluno acontece pela capacidade do professor amar seu aluno e estabelecer com ele um vínculo afetivo. O professor que tem a disponibilidade de estar com o aluno, atualiza suas próprias potencialidades amorosas, permitindo que tanto ele, quanto o aluno, cresçam e se humanizem nesta relação (BENATO, 2001 p. 62).

A autora, evidencia que os altos índices de repetência e evasão escolar, causam o fracasso escolar, carência afetiva, falta de estímulos e motivação por parte da família e educadores. Em seu estudo, aponta que as causas dos problemas de aprendizagem podem estar ligadas a problemas individuais dos alunos. Com isso, alguns profissionais da educação devem buscar novas formas de atuação para tentar reverter tal situação, dentre os quais destaca-se o psicopedagogo.

O psicopedagogo atua diretamente junto ao educando que apresenta “problemas” de aprendizagem, na tentativa de identificar os fatores que interferem ao seu processo de aprendizagem e de ajudá-lo a superar as dificuldades, através de um acompanhamento “remedial” [...] (BENATO, 2001, p. 42).

Nessa perspectiva, a autora expressa que se a psicopedagogia fosse popularizada, não estando tão restrita as clínicas, mas estando disponível em instituições públicas, poderia propiciar alternativas, reflexões e ações, visando a melhoria no processo de ensino e de aprendizagem.

Com o estudo, Benato (2001) constatou que diversos fatores emocionais podem atrapalhar o desenvolvimento escolar dos alunos. As crianças observadas, sujeitos da pesquisa, vinham sofrendo problemas emocionais com sua família, uma pela separação dos pais, outra pela falta de atenção e afeto dos responsáveis e a outra pela perda do pai em um acidente automobilístico. Todos eram de famílias



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

bem sucedidas, porém, estavam passando por momentos profundamente afetivos em seu convívio familiar. Neste caso, sublinha a autora, cabe ao professor estar sempre atento ao comportamento e desenvolvimento escolar de cada aluno para que, de alguma maneira, possa amparar a criança.

A pesquisadora (2001, p. 74) conclui a investigação enfatizando que “a afetividade é essencial para que o professor seja considerado eficiente [...]”. Afetividade não é só dar carinho, é se preocupar, é reconhecê-lo como ser independente, com uma experiência de vida diferente da sua, com desejos diferentes do seu, é também aceitar e respeitar o outro. Importante ao professor estar atento as distintas situações de sala de aula, pois atrás de um aluno agressivo pode estar escondido uma criança carente, desvalorizada e malquista.

A segunda dissertação analisada denomina-se “*Afetividade em pauta: A contribuição das emoções para a formação e prática das professoras de educação infantil*”, defendida em 2015, por Vanessa Alessandra Cavalcanti Peixoto, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Em sua investigação, aponta a afetividade como elemento necessário para a formação e prática das professoras de educação infantil. Enfatiza, ainda, a importância do aspecto afetivo para a relação adulto-criança e propõe a vivência das emoções como possibilidade de uma educação mais humanizada, fundamental nas relações estabelecidas na educação infantil.

A partir de uma pesquisa bibliográfica a autora definiu a afetividade amparada em Wallon e destacou as contribuições teórico-metodológicas para a educação e vivências das emoções das professoras e crianças da educação infantil. Inicialmente foi organizada uma revisão bibliográfica, abordando a importância da afetividade, o uso de estratégias para lidar com as emoções na formação e prática pedagógica das professoras da educação infantil e o desenvolvimento integral dessas crianças.

Para compreensão do assunto, a autora faz um resgate histórico dos conceitos de criança, infância e educação infantil, além dos cuidados com a criança ao longo dos tempos. Explica que no passado havia um alto índice de mortalidade infantil, considerado algo banal pelos familiares e a sociedade; sendo que as crianças não eram tratadas com afeto, eram vistas como adulto em miniatura.

Em 1889, com a Proclamação da República, uma nova interpretação foi direcionada à infância. Com o decorrer dos anos outras leis que asseguravam o direito das crianças e incluíam os jardins de infância no sistema de ensino, foram



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

elaboradas. A exemplo, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, a qual estabelece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica “[...] tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (PEIXOTO, 2015, p. 38).

Prosseguindo, a autora discorre sobre o fazer pedagógico no cotidiano escolar. De forma geral, defende a pesquisadora, as educadoras da educação infantil devem adequar a educação e o cuidado com o brincar, respeitando as especificidades das crianças pequenas e do desenvolvimento infantil. O ritmo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças não ocorre da mesma forma, visto que dependem das características e especificidades individuais, de incentivos no contexto escolar e familiar, e dos fatores culturais e socioeconômicos.

Quanto ao cuidado com as emoções, destaca que as escolas não estão aptas a cuidar das emoções das crianças, portanto, é de se esperar que as famílias cuidem das emoções e afetividade das crianças, mas isso nem sempre é possível, pois algumas famílias têm carências afetivas-emocionais. Então é preciso que, tanto as instituições, quanto as famílias, colaborem para o desenvolvimento emocional das crianças, oportunizando o desenvolvimento integral do infante.

Com base em Wallon, a autora conceitua afetividade como um conjunto de momentos que abrangem emoções, sentimentos e paixão, que passam por transformações qualitativas ao longo do desenvolvimento dos indivíduos. Além disso, ressalta a importância dos professores que trabalham com crianças até os 5 anos, conhecerem os aspectos afetivos, cognitivos e motores, o que poderá trazer diversos “[...] benefícios na intencionalidade e sistematização de situações de aprendizagem e desenvolvimento que elas organizarão na rotina diária de estimulações” (PEIXOTO, 2015, p. 48).

Em relação a formação docente, a autora defende que é preciso repensar a formação humanista de professores “[...] onde a afetividade e as suas formas de expressão, a saber, as emoções, são compreendidas cientificamente, estudadas e vivenciadas de forma a contribuir com a formação das crianças” (PEIXOTO, 2015, p. 59). A formação das crianças depende da formação de seus professores, que coincide sobre a sociedade, já que para Peixoto (2015, p. 59) “[...] as educadoras devem estar bem formadas e preparadas para lidar com as crianças, com suas particularidades e singularidades, com suas histórias, com seus desejos e



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

necessidades”.

Conhecer os aspectos afetivos permite ao professor repensar suas ações, identificar-se diante de algumas práticas e compreender as próprias emoções e sentimentos nas relações com as crianças. Já, a criança, enfatiza a autora, beneficia-se sendo compreendida e estimulada a desenvolver suas aptidões e afetos.

A infância é um período de constante progresso de adaptação física e social. Quando a criança chega à educação infantil, sua vida é marcada por aprendizagens e desenvolvimento, num ambiente desconhecido e com pessoas diferentes. É nesta hora que o profissional deve ser capacitado a acolher o aluno “[...] a fim de favorecer que ela se sinta segura e possa desenvolver-se de forma autônoma em todos os aspectos: cognitivo, motor, afetivo e social” (PEIXOTO, 2015, p. 89).

Por fim, a autora evidencia que a afetividade, por meio das emoções, deve ser estudada e compreendida pelas professoras da educação infantil. Ao adquirirem competências técnicas, científicas, relacionais e emocionais, terão maior capacidade em lidar com as suas emoções e com as das crianças, de maneira equilibrada e saudável, contribuindo com ações educativas afetivas.

Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares, elaborada por Sandra Maria Nascimento de Mattos, publicado pela Educar em Revista, em 2012, foi a terceira pesquisa analisada. Trata-se de um artigo científico, cujo objetivo foi abordar a necessidade de questionar a relação exclusão/inclusão das diferenças vistas enquanto especificidade do ser humano e da afetividade, como aspecto imprescindível para a aprendizagem.

Segundo Mattos (2012, p. 218-219), para minimizar a exclusão no sistema educativo brasileiro é preciso que haja inclusão.

A inclusão em educação pretendida é aquela que valoriza qualquer diferença, que olha o aluno como ele é, que traz a cultura desse mesmo aluno para a sala de aula e, conseqüentemente, para o interior da escola, que estimula a criação de práticas em um agir comprometido com as maneiras de transpor o conteúdo e torná-lo crítico, reflexivo e criativo, que cria oportunidades de construir políticas de inclusão com novas formas de intervenção, garantindo a participação de todos. Não somente uma inclusão que segregava pessoas com necessidades especiais por chamar atenção para a deficiência, na tentativa de incluí-la no ensino dito “regular”.

A exclusão, mencionada pela autora, é observada no sistema educativo ao



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

cultivar episódios de fracasso escolar nas crianças de classes populares, uma vez que não lhes é oferecida possibilidades para superar determinadas situações impostas pelo próprio ensino ou pela sociedade. Os episódios de fracasso escolar com crianças de classes populares são “[...] perpassados em estigmas e estereótipos de carência cultural, de déficit de inteligência, de deficiência intelectual e das desigualdades de aprendizagem, passados pelo imaginário social e individual” (MATTOS, 2012, p. 219).

A exclusão atinge todas as classes sociais, é um processo cruel. Porém, são as classes populares as mais atingidas ao depararem-se com a seleção de pessoas consideradas desqualificadas para a sociedade. Além disso, a autora ressalta que o fracasso escolar pode ter relação com a exclusão social.

Mattos (2012, p. 222) denomina inclusão como “[...] a garantia de participação de todos na sociedade, fazendo-se incluso e compreendido em um ambiente social”. Em relação a inclusão na escola, explana a autora, as crianças devem ser inseridas na vida social e educacional, tendo como oportunidade sua permanência no ambiente escolar, bem como que sejam respeitados suas crenças, valores e mitos.

Arelada a inclusão, a autora destaca a afetividade como um recurso que valida às reflexões acerca das desigualdades sociais, da diversidade, da discriminação e da preocupação com a classe popular em relação a falta de condições básicas de sobrevivência e educação.

As crianças de classe popular não têm as mesmas oportunidades que as outras, por uma questão social, econômica e educacional. Uma criança que cresce cercada de incentivos e cultura, com toda certeza terá uma maior possibilidade de aprender e se desenvolver intelectualmente. Elas chegarão na escola com uma bagagem de conhecimento, pois sabe-se que toda criança traz consigo conhecimentos prévios, aquilo que aprendeu em seu convívio social e familiar.

Ao reconhecer a relevância da afetividade no processo de educação, o professor estabelece vínculos com seus alunos, ele pode conduzir o ensino e a aprendizagem atentando-se as dificuldades expressas em determinados períodos de escolarização. A criança de classe popular enxerga o mundo e seus valores por meio do contato com o outro, já que “[...] age sobre o outro e adquire suas convicções, valores e crenças [...]” (MATTOS, 2012, p. 231). É preciso o auxílio da afetividade para modificar pensamentos engessados e o imaginário do fracasso escolar. Nesse sentido, sugere “[...] colocar a felicidade – entendida como centrar-se



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

na humanização – como critério para definir maneiras de inclusão [...]” (MATTOS, 2012, p. 231); o que requer da escola e da sociedade a compreensão da pluralidade de identidades existentes respeitadas as suas singularidades.

O artigo científico *“Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica”*, de Helga Loos- Sant’Ana e Priscila Mossato Rodrigues Barbosa, publicado pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos em 2017, foi outra pesquisa analisada. De caráter exploratório e qualitativo, objetivou investigar as representações que as crianças têm acerca da relação estabelecida com seus professores e como suas percepções implicam na aprendizagem escolar, adotando como escopo teórico Piaget, Vigotski e Wallon.

Com o propósito de consolidar a investigação, realizaram entrevistas com 12 alunos do 4º ano do ensino fundamental, em uma escola pública na cidade de Curitiba/PR. Para tanto, adotaram três instrumentos: desenhos com histórias produzidas pelas crianças; histórias inacabadas, a serem completadas pelas crianças; entrevista semiestruturada, que buscou identificar os significantes predominantes no discurso das crianças. A análise de conteúdo pautou-se nos estudos individualizados de cada participante, que permitiu observar quais categorias (atenção, afeto, momento de proximidade, desejo de aprender e desejo de ensinar) se manifestavam na relação entre as crianças e seus professores.

Inicialmente, as autoras exaltam a importância da interação na relação educando e educador no processo de aprendizagem escolar. Enfatizam a função do professor, qual seja estabelecer a mediação entre as crianças e os objetos de conhecimentos disponíveis no espaço institucional.

Outro fator compreendido pelas autoras como relevante no processo de aprendizagem é a sensibilidade vivenciada nas interações com o meio social, a qual modula a capacidade de se apropriar do mundo e o desejo de aprender. Sendo assim, “[...] o ato de educar deve ser o de criar condições para que essa sensibilidade flua, tornando os educandos abertos e receptivos ao que se tem para compartilhar” (BARBOSA; LOOS-SANT’ANA, 2017, p. 450). Ressaltam, que é possível superar os desafios e conciliar o ato de amar e educar, principalmente quando o educador observa que a afetividade tem contribuído no desenvolvimento dos alunos.

Partindo do pressuposto que as crianças constroem representações acerca das relações efetivas que experienciam no ambiente escolar, as autoras destacam



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

que alguns alunos associam o fato de não gostar, com o de não ensinar direito. Eles acreditam que os professores só ensinam alunos que eles gostam “[...] Se ele [o professor] não gosta do aluno, não ensina direito; se gosta, o aluno aprende por causa do afeto” (BARBOSA; LOOS-SANT’ANA, 2017, p. 463). Com isto aclaramos a “[...] importância da qualidade da interação professor-aluno, pois combina todos os principais [...] atenção, ajuda, estima, desejo de aprender, desejo de ensinar” (BARBOSA; LOOS-SANT’ANA, 2017, p. 463).

De acordo com os dados coletados nas entrevistas, as autoras BARBOSA; LOOS-SANT’ANA (2017, p. 453) expõem alguns relatos dos alunos em relação ao papel do professor em sala de aula “ajudar, cuidar, aconselhar, explicar e conversar” bem como da interpretação que fazem de determinadas ações do docente, por exemplo, são “legais e os tratam com amor, carinho e atenção [...] gostam porque ela elogia, fala que são inteligentes e capazes” (ibidem, p. 455). As qualidades afetivas atribuídas a professora são ser “carinhosa, legal, mais ou menos brava, conversa como se fosse um aluno, respeita, ensina as coisas, entre outros” (ibidem, p. 455).

Por fim, concluem que os fenômenos de uma dimensão afetiva são essenciais para a atividade pedagógica, pois funcionam como impulso para os avanços no desenvolvimento que se almeja proporcionar aos educandos.

A partir da revisão bibliográfica elaborada, evidenciamos a existência de lacunas sobre essa discussão tendo como referencial teórico a Teoria Histórico-Cultural e a necessidade de ampliarmos as investigações sobre a questão afetividade na educação infantil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo desenvolvido e diante do objetivo proposto evidenciamos que a afetividade é um aspecto presente no comportamento humano e, portanto, tem implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil que não podem ser desconsideradas na escola.

A partir da revisão bibliográfica constatamos que pesquisas foram desenvolvidas sobre a temática afetividade no processo de ensino e aprendizagem e afetividade na relação professor-aluno, mas nenhum trabalho se dedicou



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

exclusivamente a THC. Para a THC a afetividade não está descolada das relações sociais que o aluno estabelece com o meio. Para entender a afetividade é preciso considerar o indivíduo e seu psiquismo como um produto que se organiza de acordo com o momento histórico em que vive.

Assim, é imprescindível que o professor se atente a realidade social e as especificidades de cada criança, para elaborar estratégias de ensino que contemplem os alunos em sua totalidade. É, por meio da interação que a criança estabelece com a cultura material e imaterial, ao envolver-se de corpo, mente e emoção que ocorre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Acreditamos que a afetividade pode ser um instrumento a favor do professor no processo de ensino e aprendizagem. Quando a criança ingressa na instituição escolar, acontece uma ressignificação de seus vínculos afetivos que, até então, limitavam-se apenas aos familiares. Faz-se necessário que, a criança estabeleça vínculos afetivos com professores, colegas e demais membros da escola. No entanto, não podemos desconsiderar que os vínculos afetivos construídos em família serão a base para as próximas relações, além de serem incorporados aos novos vínculos construídos com a comunidade educativa.

Diante do exposto, enfatizamos o papel do professor no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança na educação infantil, qual seja propiciar oportunidades e condições objetivas para que o aluno se aproprie do conhecimento acumulado historicamente pela humanidade e por meio dele entre em contato com seus afetos formando sua própria personalidade.

REFÊRENCIAS

BENATO, A. F. Afetividade no Processo de Aprendizagem: um estudo de caso com crianças de Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Mestrado em Engenharia de Produção, Área de Concentração: Mídia e Conhecimento, Ênfase em Tecnologia Educacional. Florianópolis. f. 86. 2001.

BDTD. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Serviços: Banco de Dissertações e Teses. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: jan. 2021.

COSTA, S. A. Educação Infantil, Legislação e Teoria Histórico-Cultural: algumas reflexões. In: COSTA, S. A; MELLO, S. A **Teoria histórico-cultural na educação infantil: conversando com professoras e professores.** Curitiba, PR: CRV, 2017.



FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnica de Pesquisa Social**. São Paulo. Editora: Atlas, 2008.

GOMES, R. G; SOUZA, J. P. et al. **A Importância da Afetividade no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil**. 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/a-importancia-da-afetividade-no-desenvolvimento-da-crianca-na-educacao-infantil.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Centauro. 2004.

LOOS-SANT'ANA, H; BARBOSA, P. M. R. Dando voz às crianças: percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. [online]. n. 249, p. 446-466. 2017. ISSN 2176-6681. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812017000200446&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 27 jan. 2020.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.

MACHADO, L. V; FACCI, M. G. D; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**. vol. 16, n. 4, p. 647-657. Maringá. Dez, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000400015&lng=pt&nrm=iso&lng=en . Acesso em: 25 abr. 2020.

MATTOS, S. M. N. Avaliar: um diálogo da afetividade com a rede de relações desenvolvidas no cotidiano escolar. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 25, p. 173-181, nov. 2008.

_____. Inclusão/Exclusão Escolar e Afetividade: Repensando o Fracasso Escolar das Crianças de Classes Populares. **Educar em Revista**. [online]. Curitiba, n. 44, p. 217-233. Jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200014&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 27 jan. 2020.

MENDES, L. M. C. **A Afetividade na Educação Infantil**. Prefeitura Municipal de Lambari D'Oeste. Lambari D'Oeste. 18 nov. 2011. Disponível em: <http://www.lambaridoeste.mt.gov.br/educacao-e-cultura/artigos-dos-professores/59/view/613>. Acesso em: 12 ago. 2020.

PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em estudo**. [online] ISSN 1807-0329. Maringá. v. 14, n. 1, p. 31-40, Mar. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000100005&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 25 set. 2020.

PEIXOTO, V. A. C. **Afetividade em Pauta: A contribuição das emoções para a**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

formação e prática das professoras de educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação. João Pessoa, f. 152. 2015.

SCIELO. Biblioteca Eletrônica Científica Online. Serviço: Biblioteca digital de periódicos científicos. 1997. Disponível em: <https://scielo.org/pt>. Acesso em: jan. 2021.

TEIXEIRA, S. R; BARCA, A. P. A. Teoria Histórico-Cultural e Educação Infantil: concepções para orientar o pensar e o agir docentes. In: COSTA, S. A; MELLO, S. A. **Teoria histórico-cultural na educação infantil: conversando com professoras e professores.** Curitiba, PR: CRV, 2017. p. 29-39.

TULESKI, S. C; CALLEGARI, A. B. A Especificidade Do Desenvolvimento Infantil: Implicações Para O Trabalho Educativo Da Criança. In: LAZARETTI, L. M; ARRAIS, L. F. L; VOLSI, M. E. **Educação Infantil em Debate: Desafios Políticos e Pedagógicos.** Maringá, 2020. E- book.

VENDRAME, C. B. **Organização do Ensino para a Apropriação da Linguagem Escrita: A Teoria Histórico-Cultural nos documentos oficiais orientadores do Ensino Fundamental de Nove Anos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação. Maringá, f. 132. 2015.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.